



## A PERSPECTIVA DO CURRÍCULO E DA METODOLOGIA DE ENSINO PARTINDO DA VIVENCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM ENSINO DE QUÍMICA

**João Carlos Segatto Leite<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul-UNIJUI DCEEng, segattostudio1@gmail.com.

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma reflexão da prática do professor em formação inicial, partindo da situação vivenciada no Estágio Curricular no Ensino de Ciências III. O foco principal é a maneira na qual o professor planeja suas aulas relacionando teoria e prática, onde se observa um maior aproveitamento em termos conceituais da parte dos alunos que acaba possibilitando um ensino de melhor qualidade, onde este tem a oportunidade de trazer para as aulas fatos ocorridos em suas vivências. O trabalho também traz uma reflexão sobre a importância da formação do professor e o quanto pode influenciar na educação do aluno, contempla-se também o currículo que a escola oferece, deixando a critério de cada professor como será o desenvolvimento das aulas com uma autonomia por parte do professor.

**Palavras Chaves:** Situação de Estudo, Ensino Aprendizagem, Estágio.

### 1 INTRODUÇÃO

Em cursos de licenciatura os estágios são chamados de práticas de ensino ou estágio curricular supervisionado, onde os mesmos são de diferentes níveis, dependendo da estruturação de cada grade curricular. Segundo Almeida (2007) o propósito de prática de ensino ou estágio supervisionado é bastante complexo, como exposto a seguir:

“Torna-se difícil caracterizar a Prática de Ensino e o Estágio supervisionado na Habilitação Específica para o magistério HEM (antigo Curso Normal), tendo em vista os vários aspectos que envolvem esses componentes curriculares. De um lado, existe toda uma legislação que dita normas e regras a serem seguidas, de outro, há a situação concreta dos alunos da HEM e do 1º grau, dos professores, das escolas e de todo o sistema escolar-salas de aula, corpo técnico-administrativo, currículos e programas. A mediação entre esses dois lados é feita por uma base teórica que não contrapõe teoria e prática, pois considera essa relação única e indissociável, procurando envidar esforços no sentido de acomodar a situação real e legal a contribuição dos estudiosos, educadores e todos aqueles que procuram com a educação, tanto no passado como no presente.” Almeida (2007).

O Estágio Curricular no Ensino de Ciências III me proporcionou à oportunidade de elaborar e desenvolver uma SE (situação de estudo) voltada para o ensino fundamental. O tema desta SE foi configurada foi escolhido

partindo de uma proposta temática maior e que contempla os conceitos que a escola apresenta em seu currículo para ser trabalhado.

A situação de estudos: os materiais: produção, consumo, transformação e destino final, foi proposta de uma maneira onde agrega todos os conceitos abordados no plano pedagógico da escola no período de estágio. Segundo MALDANER e ZANON (2004, p. 57) a SE é definida como:

[...] uma situação real (complexa, dinâmica, plural) e conceitualmente rica, identificada nos contextos de vivência cotidiana dos alunos fora da escola, sobre a qual eles têm o que dizer e em cujo contexto, eles sejam capazes de produzir novo saberes, expressando-lhes significados e defendendo seus pontos de vista.

Um fator abordado de fundamental importância para que se tenha uma qualidade de ensino é a formação inicial do professor. Este é um momento de reflexão e discussão sobre a prática docente e um período de troca de lugar, onde o licenciando deixa de ser aluno para ser professor. A reflexão crítica sobre a própria prática docente torna-se importante nesse processo de constituição profissional, pois como refere Freire (1996, p. 39):

(...) na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Na concepção de MARQUES (2003 p. 96) formar o profissional não é simplesmente dota-lo de uma bagagem de conhecimentos e habilidades, mas sim prepara-lo para que tenha competência na realização de suas atividades, refletindo sobre os sentidos reais e historicamente situada. Para que esta preparação de fato ocorra durante sua formação o professor não se deve ter uma formação individual, “[...] exige ações compartilhadas de produção coletiva, pois isso amplia a possibilidade de criação de diferentes respostas às situações reais” (BRASIL, 2001, p. 53).

A maneira com que se desenvolve uma SE descentraliza, ou seja, desfragmenta os conteúdos até então apresentado aos educando, tendo em vista que a partir desta etapa na sua vida escolar ele precisa ter a capacidade de agrupar diferentes conceitos com a finalidade de explicar situações que posteriormente serão expostas. Em busca de promover o aprendizado o professor tem com o apoio da SE a capacidade de fazer uma prática educacional interdisciplinar, desenvolvendo atividades em que o aluno não tenha uma ideia simplista de ciências ou do fenômeno apresentado, por isso atividades praticas tem a função de exercitar a capacidade de contextualização do aluno e faz como que ele consiga entender a “prática “ e o conceito como um todo e não como um disperso sem ligação como o meio.

Neste texto apresento resultados de uma reflexão feita a partir de uma experiência docente vivenciada junto a uma turma de estudante da EJA (ensino de jovens e adultos).

## 2 METODOLOGIA

O diálogo a que este artigo se propõe tem a finalidade de apresentar o desenvolvimento do Estágio Curricular III no ensino de ciências, realizado com uma turma de alunos do 9º ano do ensino regular da modalidade EJA. A escola que acolheu a minha proposta de trabalho de estágio esta situada na cidade de Santo Ângelo, região Noroeste do Rio Grande do Sul a esfera de sala de aula engloba um universo de aproximadamente 12 alunos.

Durante o processo de elaboração da SE, que teve seu inicio partindo do contato com a escola no estágio I e II, momento em que foram debatidos com o professor os conteúdos a ser contemplados em aulas.

Tendo como ponto de partida a SE, desenvolvi na prática os planejamentos hora descritos. Esse momento de prática e vivência educacional é o foco principal de análise deste artigo, é através da reflexão desta pratica que é debatida a formação inicial do professor e também a maneira/capacidade do mesmo em planejar com autonomia as aulas e ao mesmo tempo respeitando a formatação hierárquica que o sistema educacional propõe e acima de tudo promover um ensino dinâmico e contextualizado tornando os alunos sujeitos aprendentes.

## 3 RESULTADOS E ANÁLISE

Para o desenvolvimento do estágio o primeiro passo foi o contato com a escola e a negociação para o desenvolvimento do estágio junto à mesma, durante esta interlocução tive grande dificuldade uma vez que muitas escolas apresentam certa resistência em acolher os professores em formação inicial. Para FREIRE, (2001, p. 02) o estágio “permite uma primeira aproximação à prática profissional e promove a aquisição de um saber, de um saber fazer e de um saber julgar as consequências das ações didáticas e pedagógicas desenvolvidas no cotidiano profissional”.

A proposta de ensino que nós acadêmicos da UNIJUI nos curso de Química e Biologia é o desenvolvimento de uma SE. Esta metodologia de ensino dinâmica é vista por muitas instituições de ensino com certa resistência, uma vez que o professor se torna autor da sua pratica educacional, o que, no ponto de vista das escolas vai atrapalhar o seu planejamento verticalizado de ensino. No meu ponto de vista esta resistência acontece pelo fato de não conhecerem as proposta de SE, já que seus professores veem de um ensino tradicional e sem inovações onde o mesmo apenas segue um cronograma previamente estabelecido.

No momento em que iniciei a pratica docente senti insegurança em relação ao ser professor. No decorrer das aulas e atividades percebi que aos poucos os alunos começaram a ter mais confiança em meus discursos e praticas educacionais, senti isso na medida em que eles vinham até eu sanar suas duvidas, desta maneira as aulas foram se tornando mais proveitosa e os conceitos facilmente esclarecidos. A SE é uma maneira de romper com a linearidade, deixar a escola o modelo tradicional de lado e proporcionar ao aluno um novo ensino, onde a aprendizagem é o foco; uma forma de relacionar o que acontece no cotidiano com os conceitos e proporcionar ainda, uma ligação com outras áreas do ensino, onde cada uma colabora da sua forma. “Conceber o ensino de ciências voltado para a aquisição de uma cultura científica básica implica definir objetivos gerais e comuns aos diferentes campos disciplinares” (ZANON, MALDANER. 2007 p. 91)

Segundo Zanon, Palharini (1995, p.15) “Os alunos são intensamente envolvidos na execução de atividades problematizadoras em que buscam e sistematizam conhecimentos, não os recebendo prontos dos professores”. Assim sendo quando se desenvolve uma SE, promovem-se aulas que envolvem o aluno, trazendo os fatos do seu dia a dia para a sala, proporcionam também aulas experimentais, seminários, saídas a campo, enfim atividades que instiguem o aluno a buscar e aprender.

Pelo fato de uma SE partir da vivência dos estudantes ela facilita a interação pedagógica necessária para que se produza conhecimento. Eventualmente ocorrerão passagens em que há alta vivência dos alunos, o que possibilita que participem intensamente dos debates, de elaboração e organização de dados, produzam ideias e as defendam. Além disso, as situações de vivência permitem que o objeto sobre o qual estudantes e professor estão se referindo seja comum sob o ponto de vista psicológico, o que faz com que os conceitos do cotidiano se façam presentes e passem a interagir com os conceitos científicos que serão introduzidos, levando a que ambos evoluam para novos níveis. (ZANON, MALDANER. 2007 p. 126)

Em sala de aula o procurei expor os conceitos de forma que o aluno apresentasse suas concepções partindo de uma conversa informal, um diálogo que chamo de aprendente, esta pratica rompe com a linearidade de apenas ir ao quadro negro e escrever o que o livro apresenta, muitas vezes sem nem ter sido lido e estudado previamente.

O diálogo em sala de aula é fundamental, pois é onde o aluno pode expor suas ideias, o professor como mediador deve ouvi-lo e discutir suas propostas, não apenas aceitar, se o aluno apresentar algum equívoco em seus conceitos, o professor deve ajudar a esclarecer, de forma que o aluno consiga compreender sua linguagem, e associar ao seu pensamento, percebendo assim onde esta seu erro.

É fundamental contemplar essas formas de pensar no seu próprio discurso, possibilitando ao aluno compara suas formas de pensar e falar com as do professor, colegas, livros, etc. isso é mais do que interagir com os colegas, é dialogar com suas maneiras de ver o mundo. Se nós simplesmente ouvimos as formas de pensar dos alunos para afirmar que estão erradas ou para ignorá-las, podemos até dar a impressão de que estamos dialogando, mas esse diálogo não é real, pois não contempla a forma de como o aluno pensa. (ZANON, MALDANER. 2007 p. 24)

Com o passar das aulas percebi que para contemplar o que a priori foi planejado, a intervenção do professor é indispensável, pois desde o momento em que planeja suas aulas até o desenvolvimento onde estas devem chamar a atenção do aluno, instiga-lo a pensar, a aprender ele esta ajudando, mas muitas vezes a dificuldade de interagir em sala de aula, aprender não se deve apenas ao modo como o professor desenvolve as aulas e sim um conjunto onde envolve a vida pessoal e social do adolescente, o fato de gostar ou não de estudar também é imprescindível.

Apontar o professor como único responsável pela não participação do aluno é mascarar a realidade. Ignorar que por parte dos alunos, por razões sociais ou pessoais, não querem, não gostam de estudar, e muito menos de se esforçar para aprender, é igualmente ignorar que

o ser humano é múltiplo e que cada indivíduo reage diversamente aos estímulos recebidos. E é ignorar também que, por muitas dessas variáveis, não podem ser superadas unicamente pelo trabalho do professor, por melhor que ele seja e por mais que trabalhe bem e se esforce muito. (ZAGURY, 2006, p. 35)

O meu papel nas aulas de mediador do conhecimento, uma vez que se planejam as aulas, busca estar atualizado com assuntos que possam ser discutidos em sala de aula, desta maneira se esta incentivando o aluno, mas a participação é de cada um, não adianta estar entusiasmado se o aluno não tiver interesse o ensino/aprendizagem não ira acontecer. Para PASCHOALINO (2009, p.21) “o papel do professor está atrelado à concepção de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar condições para sua construção”.

Enfim por melhor que seja a aula, com um planejamento exemplar, discussão em sala de aula dos conceitos, atividades que interessam o aluno, se este não tiver interesse pelo estudo, ele estará nas aulas somente com o corpo e o ensino não vai acontecer. É o que muito se têm hoje em dia, os pais colocam os filhos na escola, este não desenvolve um aprendizado e os pais muitas vezes acabam culpando os professores, a escola no geral, mas não se dão por conta que o filho pode não ter interesse ou muitas vezes é um problema pessoal, fora da escola que esta atrapalhando o ensino aprendizagem.

Durante a formação em minha mente a partir da concepção de alguns autores e discurso de alguns docentes da universidade, a imagem de uma escola perfeita, alunos perfeitos ou ao menos sem grandes problemas, mas na realidade vi que não é assim, no momento em que entrei em sala de aula descobri o que é ser professor. Para MORAES, RAMOS e GALIAZZI, (2004, p.94) o professor reconstrói seu conceito em sala de aula;

Ao longo da vida escolar ocorre à apropriação e reconstrução individual sobre o que significa ser professor, “dar aula”, preparar e planejar atividades, usar o tempo e os recursos, avaliar, enfim, viver na escola. Ao ser feita a opção por tornar-se professor, raramente estão claras as teorias que formam constituindo o futuro professor ao longo da vida escolar e mesmo fora dela.

Com esta vivência percebi que ser professor requer muito esforço, dedicação, como em qualquer outra área profissional exige estar atento, atualizando-se, adquirindo novos conhecimentos, conforme BRASIL (2001, p. 49), aprender a ser professor exige conhecimento pratico ou requer experiência, pois “saber – e aprender – um conceito, uma teoria é muito diferente de saber – e aprender – a exercer um trabalho”.

No período que permaneci na escola me chamou a atenção o quanto é importante o contato com outros colegas, pois no diálogo ocorre à troca de ideias, experiências, se discute o planejamento de aulas com colegas de outras áreas. Este movimento é importante pois ajuda a romper com a linearidade que há muitos anos vem dominado o ensino e faz com que as aulas tornem-se mais atraentes, instigando o aluno a aprender. Esta linearidade é vista por MALDANER (2000, p. 74) como:

O ensino tradicional, que vem acontecendo na maioria das vezes são professores que “ao saírem dos cursos de licenciatura, sem terem problematizado o conhecimento específico em que vão atuar e nem o

ensino desse conhecimento na escola, recorrem, usualmente, aos programas, apostilas, anotações e livros didáticos que os professores deles proporcionavam quando cursavam o ensino médio.

Outros no início da carreira de professor elaboram um plano de aula, planejam, mas depois acabam entrando na rotina e o que faz é seguir linearmente o livro didático, sem acrescentar nada e muito menos buscar algo novo para trabalhar com os alunos.

O modelo tradicional de ensino trata o conhecimento como um conjunto de informações que são transmitidas pelos professores aos estudantes. Nessa abordagem, os aprendizes assumem o papel de ouvintes, cuja função maior é a de memorização. (OLIVEIRA, GOUVEIA, QUADROS, 2009, p. 23).

A minha formação de educador tem uma grande influencia na maneira de trabalhar em sala de aula, pois este é o momento em que se transmite o que lhe foi hora aprendido na formação inicial de professor, a maneira como os professores agem em sala de aula marca a vida do aluno, pois em algum momento nos deparamos com a situação, “mas quando eu fui aluna, meu professor fazia assim”, essa situação é bem comum, muitos usam a expressão, por isso é do pensar de cada um que se forma professor, se vai ser bem visto pelas suas aulas, ou criticado por seus alunos. A partir deste pressuposto imerge a importância do professor em ter uma boa formação por seus formadores, com:

[...] tempos e espaços curriculares diversificados como oficinas, seminários, grupos de trabalho supervisionado, grupos de estudo, tutorias e eventos, atividades de extensão, entre outros capazes de promover e, ao mesmo tempo, exigir dos futuros professores atuações diferenciadas, percursos de aprendizagens variados, diferentes modos de organização do trabalho, possibilitando o exercício das diferentes competências a serem desenvolvidas. BRASIL (2001, p. 52)

Outro fator importante no desenvolvimento das aulas é o currículo, muitas vezes a escola oferece ao professor um currículo linear, apresentando apenas os itens, o professor como educador capaz de formar cidadãos deve fazer uso destes itens de uma forma abrangente, colocando novas ideias, com simples tema desenvolver trabalhos riquíssimos conceitualmente, envolvendo o aluno, onde fatos da sociedade possam ser discutidos em sala de aula.

MARQUES (2003, p 67) diz que:

A questão do conhecimento e a questão do currículo são inseparáveis, pois esta não se refere senão à maneira peculiar em que, na educação, se constrói o saber. Em ambos os casos, a questão central sempre a mesma: trata-se de perceber como constroem os homens seus saberes. E o currículo não é senão a processualidade da construção dos conhecimentos na continuidade dos dias e anos, em que tudo se concentra no saber como forma constituinte das experiências vividas.

Ainda segundo o autor “o conhecimento é algo que se aprende antes para transmitir e aplicar depois. O currículo não é senão uma listagem de materiais/conteúdos na perspectiva de acumulação de informações, [...]”. O

currículo pode ser mudado conforme as necessidades da escola, mas a base dos conceitos permanece a mesma, o que se adapta conforme os anos, a sociedade é a forma de o professor transmitir tais conhecimentos aos alunos, os temas mudam, pois a escola deve acompanhar a sociedade, o mundo tecnológico.

#### 4 CONCLUSÕES

Em meu ponto de vista a SE é um método extremamente eficaz, pois proporciona ao aluno, uma interdisciplinaridade, rompendo a individualidade das disciplinas, faz com que os professores possam trabalhar juntos e o aluno trazer suas experiências para sala de aula porém sofre uma grande resistência dos professores e do sistema escolar, uma vez que a proposta rompe com uma tradição de ensino linear e fragmentada. Outro fator que distancia a SE da utilização em sala de aula é que a mesma exige uma reestruturação nos planejamentos de aula e isso acaba gerando trabalho extraclasse.

O currículo proposto pela escola com os conceitos que o aluno precisa em sua formação são todos contemplados, o que muda é a forma de desenvolvê-los, pois as SE são elaboradas a partir de vivências, um assunto conhecido dos alunos onde são inseridos os conceitos que precisam ser trabalhados.

Durante seu desenvolvimento observa-se então um maior contato entre o professor e o aluno, deixando a sequência do livro didático de lado, como o assunto é conhecido, nas aulas acontece um diálogo aonde o professor vai colocando os conceitos e o aluno vai relacionando-os. Em relação ao ensino/aprendizagem conclui-se que este só vai acontecer com interesse de ambas as partes, professor e aluno. O que cabe ao professor é fazer uso de sua formação para um melhor desenvolvimento das aulas, estar sempre atualizado e buscando novas atividades para a sala de aula, despertando o interesse e a curiosidade do aluno. Já ao aluno cabe o querer aprender, formar-se cidadão, um profissional qualificado, aceitando as provocações do professor.

Portanto, o estágio é a oportunidade de conhecer um pouco da escola/aluno, ter um contato com a sala de aula, contando com auxílio do professor regente e da orientadora do estágio, poder desenvolver a SE produzida com o apoio da escola. Mas este é só o início da formação do que é ser professor, já que este conceito é construído em sala de aula com a experiência.

#### 5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Lourdes Granato. **Licenciatura em pedagogia estágio supervisionado: um olhar reflexivo**. In: CARVALHO, Gislene Teresinha Rocha Delgado; UTURAI, Solange dos Santos (Org.). **Formação de professores e estágios supervisionados: algumas veredas**. São Paulo: Andross, 2007. p. 37-47.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Brasília, DF: MEC/CNE, 2001, p.70. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf> acesso em 25 junho 2011.

FREIRE, A. M. **Concepções Orientadoras do Processo de Aprendizagem do Ensino nos Estágios Pedagógicos**. Lisboa, Portugal, 2001, p. 25.

Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf> acesso em 25 junho 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa** /Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção leitura).

MALDANER, O. A. **A Formação Inicial e Continuada de Professores de Química**; Ijuí: ed. Unijui, 2000. p. 424.

MALDANER, Otavio A.; ZANON, Lenir B. **Situação de estudo: uma organização do ensino que extrapola a formação disciplinar em ciências**. Espaços da Escola. Ijuí: n. 41, p. 45-60, 2001.

MARQUES. M. O. **Formação do Profissional da Educação**; 4 ed. Ijuí, ed. Unijui, 2003. p. 240.

MORAES, R.; MANCUSO, R. (orgs.). **Educação em Ciências: produção de currículos e formação de professores**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004.

OLIVEIRA, S. R. GOUVEIA, V. P. QUADROS A. L. **Uma Reflexão Sobre a Aprendizagem Escolar e o Uso do Conceito de Solubilidade/Miscibilidade em Situações do Cotidiano: Concepções dos estudantes**; Química Nova na Escola; Uma Reflexão sobre Aprendizagem Escolar; Vol. 31 N° 1, FEVEREIRO 2009

PASCHOALINO, R. **Relações Dialógicas Entre Professor e Aluno na Sala de Aula a Partir das Contribuições de Paulo Freire**. São Carlos, 2009, p. 46. Disponível em: <http://www.processoseducativos.ufscar.br/tcc1.pdf> acesso em 24 junho 2011.

ZANON, L. B; MALDANER, O. A. **Fundamentos e Propostas de Ensino de Química para a Educação Básica no Brasil**. Ijuí: Ed. Unijui, 2007, p 224

ZANON, L. B; PALHARINI, E. M; **A Química no Ensino Fundamental de Ciências**; Química Nova na Escola; Aprendizado Real N° 2, novembro 1995.

ZAGURY, T. **O Professor Refém: Para Pais e Professores Entenderem Porque Fracassa a Educação no Brasil/** Rio de Janeiro: Record, 2006.